

O sonho da classe média

A classe média mineira está investindo nas cooperativas de ensino. Este ano, quatro escolas começaram a funcionar na capital, em Juiz de Fora, Uberlândia e Montes Claros. A alternativa agradou — 2.300 alunos, do maternal ao 2º grau, já foram matriculados.

“É uma coisa muito bonita. A gente escolhe os professores e participa do projeto pedagógico”, elogia Lúcia Maria Cruz, bancária e mãe de dois alunos da escola de Belo Horizonte. A fórmula de sucesso das cooperativas aposta na participação e no baixo custo. Cada cota custa entre 100 Ufirs e 200 Ufirs, pagas em parcelas, e pode ser revendida para a escola. A mensalidade é definida pelo rateio das despesas do mês e costuma ficar abaixo do preço cobrado pelas melhores escolas particulares.

“Nossa preocupação é encontrar o meio termo entre a qualidade e o preço”, explica Luiz Fernando Mordente, diretor de operações da cooperativa de Uberlândia, que já recebeu 450 matrículas do maternal à 8ª série. Por Cr\$ 1,5 milhão, o aluno da

escola tem direito a aulas de reforço e cursos de inglês e computação.

Em Montes Claros, no norte do estado, o Colégio Integral Cooperativista preencheu todas as suas 1.200 vagas, do maternal ao 2º grau. Os professores recebem, em média, Cr\$ 10 milhões, salário superior ao das outras escolas da cidade. Os pais não pagam mais por isso — em março, o rateio ficou entre Cr\$ 798 mil e Cr\$ 1,2 milhão.

Na cooperativa de Belo Horizonte, o aluguel e IPTU fizeram o rateio de março entre 61 alunos de maternal e pré-escolar alcançar Cr\$ 2 milhões — um preço salgado, mas ainda assim inferior ao das outras escolas da zona sul da cidade. “Vamos procurar atingir a capacidade de 200 crianças para dividir a despesa”, diz Lúcia Cruz. “Os custos tendem a baixar depois dos investimentos iniciais”, explica José Maria Larcher, um dos fundadores da cooperativa de ensino de Juiz de Fora, que tem 500 alunos e espera inaugurar em junho sua sede própria, eliminando os gastos com aluguel.